

*«[...] não importa se um fogo é grande,  
mas sim em que matéria ele pega.»*

SÉNECA



## A oliveira milenar

Ontem sonhou outra vez que lhe roubavam a oliveira milenar. Viu sombras disformes e a certeza muito clara de no lugar da árvore ficarem apenas raízes escuras. Seguiu depois os ramos verdes afastando-se a grande velocidade. E logo vieram as escavadoras com bocas abertas até ao fim da fome. Trouxeram na língua de metal a terra que comprei e nos dentes rochedos maiores do que a minha casa, maiores do que as minhas filhas. Farrapos brancos moviam-se lentamente para a direita, ou talvez fossem as paredes que se movessem. Ou mesmo a oliveira.

Os ladrões usavam capacete amarelo. Parecia o roubo mais atabalhado da história. Como o desespero de não se encontrar a chave procurada, não saber que chave procurar ou, ainda pior, não saber como rodar a chave na fechadura. Tropeçavam uns nos outros e faziam muito barulho. Incrédulo, berrei.

— Para que usam capacete?

Lembro-me bem que os capacetes brilhavam.

— Vamos só almoçar, voltamos já. Não saia daqui.

A oliveira e os ladrões desapareceram dentro da terra e apareceu um gato gigante a assobiar. Acho que começou a cantar Carmen Miranda. Acho que era o tico-tico. *O tico-tico tem, tem que se alimentar.* O Gato tinha os lábios pintados e acordei a salivar por um beijo e um ovo estrelado. Vi Maria a dançar. Vi os crisântemos vermelhos a abrir, um botão e logo pétalas garridas prontas a engolir-me.

A noite amanheceu bruscamente quando ligou a luz da entrada. A árvore está onde pertence, em breve raiará o sol das manhãs de beleza violenta. Pode isto ser o começo de um dia acordado ou a continuação do pesadelo. É que tenho medo de me distrair e morrer. Há, no entanto, várias coisas com que me entreter. Tarefas do dia: acordar com sono, regar as plantas, cortar a lenha. Coisas assustadoras: uma cebola que grelou, o copo alto rachado e pensar na falta que fazes. Coisas felizes: a canção dos grilos.

Pensando bem, fazer parte da história da oliveira milenar é um bom motivo para viver. Dizem que tem mais de três mil anos e que visigodos, celtas e romanos descansaram nesta sombra. Ou talvez tenham aqui comido juntos, quem sabe se amado, lutado. No interior oco já dormiu Lucília em posição fetal.

Cai agora uma chuva grossa que sabe combater por exaustão. Petrócio gosta de confrontos. É por isso que caminha calmo debaixo do temporal que fez com que se fechassem todos os estores. Um relâmpago. Semicerra os olhos e, desta vez, não o faz por capricho de contemplação das formas ao longe. É porque se alojam lagos nos olhos.

O campo é uma cortina líquida que salta do chão para o céu e logo volta a cair. Estou mareado e nunca saí de solo firme. Bem que me poderiam levar para a ala dos loucos. Ou dos que se portam mal, como meninos pequenos de bibe sujo. Mamã! A água limpa tudo. Mãos, ideias, os sapatos que estão já muito mais escuros. Quando chegar a casa, bastará pô-los a secar para acordarem novos. Isso Petrúcio não consegue.

Depois dos gatunos levando-lhe a oliveira, sonhou que lhe levavam todas as laranjas. Gritava pela fruta, saltem das mãos deles e rebolem até à minha entrada. Aí estarei para vos receber. Subo aos ramos para vos entregar às folhas a que sempre pertenceram. Prometo regar-vos e ver-vos crescer, apenas colherei as mais maduras. Comerei os gomos suculentos com carinho. Acordou sentindo um pouco de angústia, não tanta como com o roubo da oliveira. Sonhou ainda que lhe levavam o teto — desencaixavam-no como se fosse uma peça de brincar e lamentavam o transtorno, fazia realmente muita falta noutra casa. E nós dormimos debaixo da chuva? Queria gritar e não saía nada, não sai nada, até acordar com Lucília abanando-o.

Foi nessa noite que abriu a porta para caminhar debaixo da tempestade. Passando pela árvore mais estimada, tocou-lhe no tronco milenar. Havia muitas lendas sobre a oliveira. A mulher do café contava a história contada pela sua avó, ali descansou o arcanjo protetor. Dizem que ali morreu um invasor das terras com uma seta espetada no pescoço. Enquanto se esvaía em sangue, a oliveira cresceu um pouco. E havia a canção que falava dos dois amantes que se encontravam debaixo dos ramos à uma da manhã, em noites de calor ou gelo, para só se largarem ao amanhecer.

Nessa madrugada, Lucília saiu de casa e ficou muito tempo a admirar a árvore. Pareceu-lhe irreal como o tronco se contorcia tanto, podia lembrar a artrite da mulher do café, sempre de água a correr e copos sujos entre as mãos. A sombra das folhas formava uma manta de retalhos no chão onde viu dois vultos abraçados. Os amantes. O vento agitava tudo, ramos e cabelos, sinal de que era momento de regressar ao interior seguro da casa amarela. Antes, tinha que ver melhor a escavadora. Caminhou na lama até poder tocar-lhe com a mão. Parada na noite, era inofensiva. Depois tudo mudava.

A oliveira acompanhou a construção da casa desde o primeiro dia e nunca mudou de local para ter uma visão privilegiada. De onde estava, via tudo, tijolos empilhados, paredes caiadas, cortinas nas janelas e uma família lá dentro. Foi testemunha da passagem das pessoas e também palco de conversas importantes.

— Todos os lábios têm uma história.

— Todos?

— Era isto que te queria dizer.

— Os meus também falarão de ti.

Era inverno e quase de manhã quando se deu a primeira conversa entre os dois. Ambos souberam que não haveria outra tão íntima, só entre estranhos podia aquilo ter acontecido. Riscaram um coração no tronco da árvore quando se despedia a noite sem lua, cheirava a terra molhada. O Engenheiro tinha sempre a navalha para qualquer eventualidade. Lucília suspirou no casaco de lã, iria em breve saber que o amor não sobe apenas em flecha, mas desce também muito fundo. Disto foi testemunha a oliveira milenar.

Assim como de Lucília muitos anos antes a tropeçar no muro e cair com violência, tentando limpar ao vestido branco o sangue escorrendo pelo queixo para a mãe não ver. A mãe viu. Viu Helga sair muita maquilhada e entrar num carro velho de motor ligado. Viu Mariana sempre à janela, um dia entrando no galinheiro entre gritos, viu Maria sonâmbula deambular por ali com terror dentro dos olhos, viu Petrócio apagar a beata com o chinelo roto. E também Violeta sair com falta de ar, arrastando-se até ficar imóvel no chão. O socorro demoraria muito tempo a chegar.

Ouviu Helga e Mariana decidirem: amanhã vamos convidá-la para o café da tarde. Pobre Preciosa, todos precisamos de amigos. Diziam ser a mulher mais azarada. Talvez mais feia do que o homem rico da única peça de teatro que Lucília viu. Vamos lá a casa e convidamo-la a vir aqui. Temos de sorrir e fingir que olhamos para uma de nós. Temos de ser naturais. Claro que vamos conseguir, o azar não se pega. E se for insuportável? Não podem pele, cabelos e unhas ser insuportáveis. É só matéria. Esquecemos o corpo, esquecemos a superstição e vemos o que está dentro. Imaginamos um rio azul a correr. Vamos conseguir. Se tu o dizes. Vamos conseguir.

Quando chegou, entregou-lhes uma camélia branca.

— Não tem cheiro — brilham os olhos feitos fendas.

Preciosa tentava adivinhar a idade que teria no dia da maior febre. Lembrou-se da ruga na testa, acima da ver-ruga, pensando que experiência teria então nas palmas das mãos, que rasgo de vida à frente, que memórias para trás. Metade da idade de hoje, talvez. Ela é hoje eu há trinta anos, entendem? A anca alargou, os seios desceram, enve-

lheci. Preciosa conta às irmãs o dia da maior febre e como depois disso ficou deformada.

— Falava-vos dos olhos quentes de febre e ansiosos de outra febre, a febre que temos aos vinte anos — continua —, rapaz nenhum olhou mais para mim. Gostava muito de ter tido um namorado.

Um dia maquilhou-se para ir a uma manifestação. De lábios rosa, levava um cartaz escrito com letras grossas: *Se pudesse escolher, nascia como sou*. A frase distinguia-se de todas as palavras de ordem e ergueu-a no ar com orgulho. Um homem elogiou-a, pediu-lhe o número, nunca ligou.

Gato aninhou-se aos seus pés. Apesar de não dar confiança a quase ninguém, gostara de Preciosa deformada. Helga e Mariana sabiam que a mulher tinha um gato que parecia chorar como um bebé e quem passava na rua poderia jurar ouvir o grito infantil. Muitas noites ouvia-se esse grito alto: sou uma criança. Contavam na escola que Preciosa Horrorosa procurava meninos para escondê-los no sótão. Muitos não se aventuravam nos túneis e outros entravam na escuridão para fumar à vontade, livres de denúncias.

Preciosa tinha onze gatos. O preferido era Chorão que comia as suculentas do jardim, trincando as folhas carnudas verdes e brilhantes quando jovens, a rasgar a vida, ou de laivos vermelhos quando envelhecidas, então adeus. Os gatos e as flores eram quase tudo. O resto, para que inchasse feliz como um balão de ar quente, era um nada de vista para o mar. Para isso, subia à claraboia do telhado e olhava o pedacinho azul. Os gatos miavam e lambiam os pés, em casa raramente se calçava. Tinha só um par de sapatos, imaculadamente limpos, que usava para sair.

— Tenho frio.



— Quer levar um casaco meu?

— Não é desse frio, Lucília, demorei muito tempo a percebê-lo. É como se tivesse deixado de existir em mim sangue, sei lá. O que realmente importa é que preferia ter calor a todo o momento.

— Como na altura da maior febre?

— Pode ser que sim. Estava mais viva. Está na hora de ir, oxalá amanhã seja um bom dia.

Ao despedir-se das irmãs, agradecendo repetidas vezes o convite, o café e a torta, a conversa e o gesto, muito obrigada, olhou os sapatos e viu um pouco de pó, daqui a nada já trato de vocês. Levantou o olhar para ver a oliveira milenar.

— Quem me dera ser bonita como ela.

A árvore abanou os ramos e as irmãs entreolharam-se.